

CB.AGRO

Cultivo de mirtilo em alta no DF

Programa de incentivo à produção rural de frutas tem possibilitado a expansão de cultivares, explica pesquisadora

» HENRIQUE FREGONASSE*

A produção de frutas no Distrito Federal vem crescendo nos últimos anos — liderada pelo abacate, pela goiaba e pela banana — por ser uma atividade bastante rentável e menos onerosa para o produtor rural. Ao *CB.Agro* — parceria entre *Correio* e TV Brasília — de ontem, a engenheira agrônoma e extensionista rural da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF), Clarissa Campos, falou sobre como as culturas de açaí e mirtilo têm ganhado espaço no DF em razão do programa Rota da Fruticultura.

“Com a chegada do programa da Rota da Fruticultura, que nós estamos executando, o objetivo é trazer essas frutas que já têm um mercado muito grande, tanto nacional quanto internacional, ou seja, visando à comercialização dentro do Brasil e também a exportação. E, de acordo com os estudos feitos, chegou-se à conclusão de que o açaí e o mirtilo são culturas muito promissoras aqui para o Distrito Federal, por conta das condições de clima, solo e renda que nós temos no DF”, explicou.

Aos jornalistas Roberto Fonseca e Sibebe Negromonte, Clarissa ressaltou que a produção de frutas no DF saltou de um valor entre 30 e 32 mil toneladas por ano, em 2019, para 40 mil toneladas por ano, em 2023, e explicou que esse aumento da produção vem acompanhado de um alto consumo, que pode beneficiar a produção de mirtilo e açaí.

“Hoje, a gente (Distrito Federal) é, basicamente, um dos maiores mercados consumidores de frutas no Brasil, e a gente ainda traz muita fruta de outros estados e de outros países. Inclusive, o mirtilo, se você procurar, você basicamente encontra ele vindo do Peru ou do Chile, e com um preço muito alto”, contou a extensionista rural da Emater-DF.

Ed Alves/CB/DA.Press



Clarissa Campos, engenheira agrônoma e extensionista rural da Emater-DF, detalhou o funcionamento do programa Rota da Fruticultura

A engenheira agrônoma defendeu que, junto ao mercado consumidor receptivo do DF, o cultivo de mirtilo representa uma boa oportunidade por se mostrar altamente rentável, apesar de não ter um custo de produção tão baixo.

“O retorno por investimento do mirtilo, de um hectare, equivale a mais ou menos 45 hectares da soja. É um valor de, mais ou menos, entre R\$180 mil e R\$200 mil de retorno por hectare. E, também, a gente tem que aproveitar o fato de que nós estamos no centro do país e temos aqui diversas embaixadas e pensar em como a gente pode fazer relacionamento com elas e tratar sobre a exportação dessas culturas”, reforçou.

Auxílio ao produtor

O programa Rota da Fruticultura fornece mudas dessas plantas a custo zero para os agricultores interessados em participar do projeto — que deverão, após a primeira colheita, devolver duas mudas por cada uma recebida, para realimentar o projeto. Clarissa Campos explicou que, além de fornecer as mudas, o programa oferece assistência técnica e auxílio para os processos de colheita, pós-colheita e comercialização aos agricultores.

“A Rota da Fruticultura é um programa que quer trabalhar não só o cultivo. Eles fornecem as mudas para os produtores que querem participar — e o custo da muda é relativamente alto no

custo da produção da fruta —, fornecem assistência técnica e extensão rural via Emater e outras entidades. E eles auxiliam não só no plantio e na instalação das culturas, mas também com a colheita, pós-colheita e a parte de comercialização, que é uma parte muito importante da cadeia, que já tem que estar totalmente estruturada antes de começar esse grande polo de produção de frutas”, salientou.

A engenheira agrônoma explicou que, apesar de o programa abranger todas as áreas do Distrito Federal, os cultivos de mirtilo e de açaí requerem algum nível prévio de infraestrutura dos produtores, devido a especificidades dessas culturas.

“A muda, ele recebe, mas ele

precisa ter a estrutura, e o açaí e o mirtilo têm peculiaridades diferentes. Para o açaí, por exemplo, a gente precisa de regiões que tenham maior quantidade de água, porque apesar de ser uma cultivar que foi desenvolvida pela Embrapa — a Cultivar Pai d’Égua —, que é uma cultivar um pouco mais resistente e que necessita de um pouco menos de água e de umidade — porque o açaí, que é naturalmente da região Amazônica, fica numa área extremamente úmida —, então essa é uma cultivar melhor adaptada para as nossas condições de clima, mas, mesmo assim, é uma cultura que necessita de bastante de água. Então, o produtor tem que ter uma área com sistema de irrigação, com uma estrutura

para que ele possa receber essas mudas é o que ele precisa. Já o mirtilo é uma cultura que, aqui no Distrito Federal, não vai diretamente no solo. O nosso solo possui características que não são tão boas para o sistema radicular, para a raiz da planta do mirtilo, por exemplo”, ressaltou.

Clarissa Campos disse, ainda, que o programa é focado nos pequenos produtores, por se tratar de uma oportunidade de obter boa rentabilidade em pequenas áreas, expandindo qualidade de vida e de renda. Além disso, reforçou que os períodos de colheita dessas culturas foram reduzidos em comparação às variedades originais, o que permite colheitas um pouco mais rápidas.

“O açaí nativo, lá da Amazônia, demora mais ou menos oito anos para começar a produzir. Essa cultivar, desenvolvida aqui, diminuiu tanto a altura da planta — o que facilita um pouco a colheita — quanto a quantidade de carne do fruto, com a diminuição do caroço e a maior quantidade da carne do açaí. E essa questão do tempo que você demora para colher. Então, passou de oito anos para, mais ou menos, entre três anos e meio e quatro anos para a colheita, uma cultura que demora um pouco mais. Agora, no mirtilo, você começa a ter uma boa produção expressiva a partir do segundo ano de plantio. Você vai ter o período de implantação, vai fazer as podas e aí, a partir de seis meses após a poda do mirtilo, você vai começar a colheita. O período de colheita do mirtilo, a gente observa que a maior colheita fica ali no período de dezembro a março, mais ou menos”, contou.

Os produtores interessados em participar da Rota da Fruticultura poderão procurar a unidade da Emater-DF mais próxima. Além disso, outras informações podem ser adquiridas no site www.emater.df.gov.br.

*Estagiário sob supervisão de Edla Lula

CÂMBIO

Dólar sobe ao maior patamar desde janeiro de 2022

» ROSANA HESSEL
» RAPHAEL PATI

Já virou piada no mercado financeiro. Basta o presidente Luiz Inácio Lula da Silva abrir a boca que o real perde valor em relação ao dólar. Ontem, não foi diferente, apesar de haver um ingrediente a mais para o câmbio ficar mais desvalorizado, o encerramento do mês, quando os exportadores precisam fechar os contratos com os clientes internacionais, de acordo com especialistas.

O dólar abriu o pregão com uma leve queda de 0,25%, mas trocou o sinal logo após uma entrevista de Lula à rádio O Tempo, na qual voltou a criticar o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. “Isso vai melhorar quando eu puder indicar o presidente do Banco Central, e vamos construir uma nova filosofia”, disse Lula, sinalizando que pretende interferir na autoridade monetária, que agora tem autonomia política, mas não financeira, do governo. O chefe do Executivo seguiu dando sinais trocados sobre o compromisso dele em fazer um ajuste fiscal, porque retomou o discurso contrário à desvinculação do ganho real do salário mínimo às aposentadorias, algo que vem preocupando analistas sobre a disparada no rombo da Previdência Social nos próximos anos.

“Lula voltou a dizer que não aceita desvincular gasto previdenciário, mas a Previdência responde por mais da metade das despesas primárias da União”, alertou o ex-ministro da Fazenda Mafson da Nóbrega, sócio da Tendências Consultoria. Na avaliação dele,

esses ataques ao BC são um tiro no pé do presidente e só ajudam a enfraquecer o real frente ao dólar. “Lula só fez perder com isso e ele aposta na insensatez de que o mercado está apostando contra o país”, afirmou.

Não à toa, o dólar subiu e registrou um dos melhores rendimentos no mês. A divisa norte-americana encerrou o dia com alta de 1,47%, cotado a R\$ 5,58 — o maior patamar desde 10 de janeiro de 2022, quando era vendido a R\$ 5,67. O Índice DXY, que mede a performance do dólar em relação a uma cesta de várias moedas, encerrou ontem, praticamente, com variação nula, após ter atingido o recorde em dois meses no dia anterior.

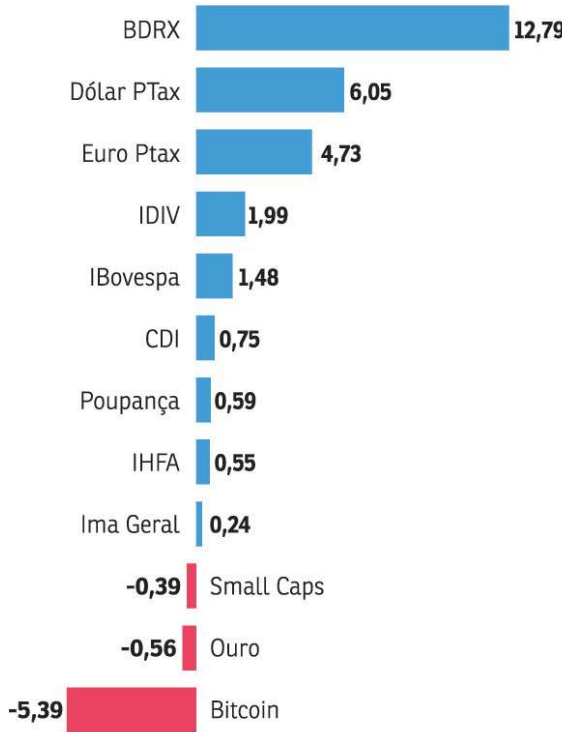
O ex-ministro lembrou que Lula ainda errou em citar as empresas que tinham feito hedge (proteção) contra o câmbio na crise financeira global, como Sadia e Aracruz porque estavam apostando contra o real em 2008. “Naquela época, foi o contrário, essas empresas estavam apostando no real e tiveram prejuízos bilionários”, corrigiu.

Para o analista da Ouro Preto Investimentos, Bruno Komura, as falas de Lula aumentam a desconfiança, que já é grande, segundo ele, no cenário local, sobretudo pelas incertezas em relação ao tema fiscal. “A situação não parece estar se estabilizando. Por enquanto, a gente ainda pode ver algumas piores, mas eu acho que a gente vai chegar em uma situação que vai ficar insustentável”, afirmou o especialista. Já o professor de economia da Universidade de Brasília (UnB), César Berço, aponta que os três

Fique de olho

Veja o desempenho de alguns investimentos em junho e no acumulado em 12 meses

VARIAÇÃO NO MÊS DE JUNHO (EM %)



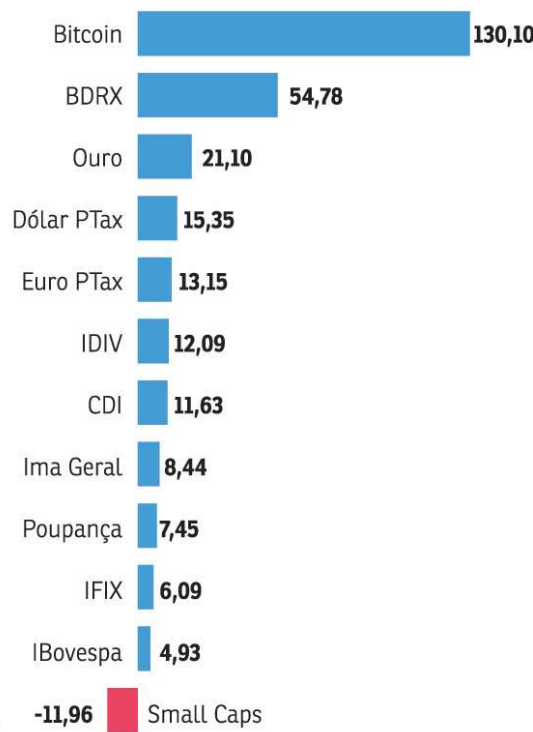
Fonte: Elos Aytá

principais fatores que causam turbulência no cenário macroeconômico atual são as políticas restritivas nos Estados Unidos, somadas às incertezas em relação ao ambiente político local, além da questão dos gastos excessivos e do que ele chama de “administração complicada” da mesa de operações de câmbio do Banco Central. “A gente não está vendo intervenções dele em questões mais especulativas. Isso também afeta, porque quando o Banco Central não atua, o dólar vai subindo”, ressaltou.

Bolsa no vermelho

O Índice Bovespa (IBovespa), principal indicador da Bolsa de

VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (EM %)



Valores de São Paulo (B3), recuou 0,3%, para 123.906 pontos, mas acumulou alta de 1,48% no mês de junho. Desde janeiro, a Bolsa ainda segue no vermelho, registrando tomo de 7,66%. A queda de ações de grandes bancos influenciou o desempenho negativo da Bolsa, com os papéis do Bradesco recuando 0,32%, e os do Itaú Unibanco, 0,09%. Já os do Banco do Brasil, que operaram no negativo na maior parte do dia, fecharam com leve alta de 0,04%. Outra ação que pesou no Ibovespa foi a da Embraer, que caiu 5,42% no fim do pregão.

De acordo com dados levantados por Einar Rivero, da Elos Aytá Consultoria, o dólar

registrou o segundo melhor desempenho no mês, atrás apenas do índice de empresas estrangeiras negociadas no país, o BDRX, que teve valorização de 12,79% no mês, enquanto o dólar PTax acumulou alta de 6,05% no mesmo período. Na ponta das perdas, o Bitcoin ficou na liderança, com queda de 5,39%. Já no acumulado em 12 meses, a criptomoeda registra ganhos de 130,10% e o Ibovespa, de apenas 4,93%. “De janeiro a junho, o melhor investimento também é o Bitcoin, com valorização de 63,26%, seguido pelo índice de BDRs, com ganhos de 41,07%, e o dólar Ptax, que teve o terceiro melhor desempenho, com alta de 14,82%”, destacou Rivero.

ENERGIA

Conta de luz vai ficar mais cara em julho

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciou ontem o acionamento da bandeira tarifária amarela no mês de julho, pela primeira vez desde abril de 2022. A revisão vale para os consumidores de energia do Sistema Interligado Nacional (SIN), com custo adicional na conta de luz.

“A bandeira amarela foi acionada em razão da previsão de chuvas abaixo da média até o final do ano (em cerca de 50%) e pela expectativa de crescimento da carga e do consumo de energia no mesmo período”, disse a Aneel em comunicado.

A Agência prevê um cenário de “escassez de chuvas”, aliado a um inverno com temperaturas superiores à média histórica do período. Nesse caso, passam a operar as termelétricas, com energia mais cara que as hidrelétricas.

A classificação “amarela” indica condições de geração de energia menos favoráveis e, na prática, leve a um acréscimo de R\$ 1,885 a cada 100 quilowatts-hora (kWh) consumidos.

O sistema de bandeiras tarifárias reflete o custo variável da produção de energia. O acionamento de fontes de geração mais caras, como as termelétricas, tende a aumentar o custo.